

O Psicodiagnóstico infantil no atendimento psicológico a populações carentes

Child psychodiagnosis in psychological attention in underprivileged communities

NICOLAU TADEU ARCARO ¹ - ELIANA HERZBERG ² - WALTER TRINCA ³

RESUMEN

Con el objetivo de desarrollar estrategias de atención a las poblaciones carentes, este trabajo consiste en la comparación de dos formas diferentes de evaluación psicológica, aplicadas en este caso a un niño de siete años de edad.

Estas formas son: la tradicional y la estructurada a partir del Procedimiento de Dibujos-Cuentos.

La primera, más demorada y minuciosa, utilizó la aplicación de varias técnicas de examen psicológico y requirió condiciones específicas en relación al local de ejecución (consultorio psicológico), a los materiales y al profesional especializado en exámenes psicológicos.

La segunda, más concisa, utilizó solamente una entrevista inicial con la madre y después dos sesiones para la aplicación del Procedimiento en la propia criatura. Al contrario de la primera, esta forma requirió solamente materiales sencillos y baratos, e instalaciones con poca infraestructura dentro de la propia comunidad a la cual pertenecía la familia atendida, y además de esto pudo ser dirigida -excepto por la interpretación del material colectado- por un profesional con poca experiencia en la conducción del Procedimiento utilizado.

Los resultados obtenidos demostraron que el psicodiagnóstico basado en el del Procedimiento de Dibujos-Cuentos, coincidió con el tradicional en puntos importantes. De esta forma comprobaron la posibilidad del empleo eficaz de este método, mas conciso, junta a las poblaciones carentes.

1 Psicólogo, Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e especialista na Abordagem Gestáltica em Psicoterapia pelo Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo. Rua Pamplona, 825/12. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: eherzber@usp.br.

2 Psicóloga, Professora Doutora do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo nas áreas de avaliação psicológica e de atuação do psicólogo em equipes multiprofissionais.

3 Psicólogo e psicanalista, Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Palabras Clave

Evaluación psicológica, técnicas proyectivas, poblaciones carentes.

RESUMO

Visando o desenvolvimento de estratégias de atendimento a populações carentes, o presente trabalho constituiu-se na comparação entre duas formas distintas de avaliação psicológica, neste caso aplicadas a um menino de sete anos de idade: a tradicional e a estruturada a partir do Procedimento de Desenhos-Estórias. A primeira forma, mais demorada, minuciosa, envolveu a aplicação de várias técnicas de exame psicológico, e requereu condições específicas quanto ao local de realização (consultório psicológico), materiais e profissionais especializados em testes psicológicos. Já a segunda, mais concisa, envolveu apenas uma entrevista inicial com a mãe da criança e duas sessões para a aplicação do Desenhos-Estórias na própria criança. Requereu, ao contrário da primeira, somente materiais simples e baratos, acomodações com pouca infra-estrutura, na própria comunidade a que pertencia a família atendida, e além disso pode ser conduzida, exceto pela interpretação do material colhido, por profissional com pouca experiência no manejo do procedimento utilizado. Os resultados obtidos mostraram que o psicodiagnóstico baseado no Desenhos-Estórias, coincidiu, em pontos importantes, com o tradicional. Substanciaram, dessa forma, a possibilidade de emprego eficaz desse método mais conciso junto a populações carentes.

Palavras Chave

Avaliação psicológica, Testes projetivos, Comunidades carentes.

ABSTRACT

The objective of this study was to develop new care strategies for the underprivileged. The study compared two distinct approaches of psychological assessment using a 7 year-old boy as the subject. The two assessments applied consisted of the Traditional one and an evaluation involving the Story-Drawing-Procedure. The first (the Traditional), more time consuming and detailed, consisted of the administration of several psychological techniques. It also entailed specific conditions regarding the setting (an office), the materials and required a professional specialized in psychological testing. The second evaluation was briefer and consisted of merely an interview with the mother and two sessions with the subject to administer the Story-Drawing-Procedure.

Unlike the first it required only simple and inexpensive materials and was conducted more casually in the family's own surroundings. This second evaluation can be conducted by a professional with little experience in the technique, with the exception of the interpretation of the protocol. Results showed that assessment with the StoryDrawing-Procedure coincided with the

main points of the traditional evaluation. Therefore, the possibility of the concise application (in the underprivileged) of this method has been corroborated.

Key words

Psychological assessment, Projective techniques, Underprivileged communities.

Tradicionalmente o psicodiagnóstico infantil tem sido realizado através de um processo de estudo de caso. Em tal processo, são efetuadas várias entrevistas com a criança e seus pais, para a coleta direta de dados relativos à problemática apresentada. Além disso, é também aplicada uma série de testes psicológicos na criança, com vistas a complementar as informações colhidas diretamente através dos depoimentos apresentados nas entrevistas. Os testes podem ser usados para detectar e analisar características e problemas de personalidade do examinando, bem como suas condições intelectuais.

Como fruto do processo acima mencionado, tem-se um levantamento relativamente minucioso das condições psicológicas do cliente e de sua inserção no meio familiar e social a que pertence. Um tal processo, entretanto, consome bastante tempo e trabalho especializado, além de requerer condições e materiais especiais (é necessário condições de isolamento para a realização das entrevistas e aplicação dos testes e também material específico para a aplicação e avaliação dos mesmos). Tais fatos tornam o custo do psicodiagnóstico elevado, e comprometem bastante suas possibilidades de utilização em larga escala.

E as limitações do psicodiagnóstico tradicional se fazem sentir com maior intensidade quando ele está relacionado ao atendimento de populações carentes. Nesse caso, há ampla necessidade de assistência, e os recursos disponíveis, tanto financeiros como em termos de profissionais bem preparados, são limitados. Tais fatos tornam o alcance de tal tipo de psicodiagnóstico bastante reduzido junto a essas populações. Além do mais, observa-se que as pessoas têm dificuldade de acesso às

instituições e clínicas que oferecem atendimento, por problemas de locomoção e disponibilidade de tempo. Tais indivíduos têm todo seu tempo útil ocupado pelo trabalho, e o tempo gasto no atendimento muitas vezes implica em perda de salário. Também precisam, em certos casos, contratar pessoas para tomar conta dos filhos, e há o custo de transporte e outras despesas menores, o que gera custos ainda mais elevados (cf. Figueiredo e Schivinger, 1981).

Especificamente no tocante ao atendimento institucional desse tipo de população, também se faz sentir a ausência de recursos para fazer frente à demanda existente, sejam eles financeiros e de pessoal especializado, ou mesmo de acomodações e material para a realização do atendimento. Muitas vezes as instituições não dispõem, por exemplo, de profissionais, salas e material de testes para realizar um trabalho de diagnóstico tradicional em larga escala.

O quadro apresentado acima indica a necessidade de elaboração e utilização de estratégias de assistência psicológica mais condizentes com as necessidades do tipo de população em questão. Certos autores salientam a importância da realização de trabalhos mais breves (Figueiredo e Schivinger, 1981; Herzberg, 1993; Lorion, 1974). Tais trabalhos apresentam, entre outras vantagens, a de possibilitarem um atendimento de efeitos mais imediatos e permitirem abranger número maior de indivíduos, uma vez que o tempo dispendido por pessoa é menor. Outra alternativa que pode aumentar a abrangência do trabalho com populações carentes está no atendimento grupal. Um exemplo de proposta de trabalho desse teor pode ser encontrado em Winge e D'Ávila Neto (1976). E na área

específica de psicodiagnóstico infantil em âmbito grupal encontra-se o trabalho de Jubelini (1982), que foi idealizado tendo em vista as crescentes necessidades de atendimento de uma instituição de prestação de assistência psicológica.

Finalmente, parece importante que sejam utilizadas estratégias que permitam levar o atendimento ao próprio local de moradia das comunidades, tendo em vista, entre outros fatores, suas dificuldades de acesso aos órgãos de prestação de serviços. Como exemplos de trabalho desse gênero pode-se citar os expostos por Landin e Lemgruber (1980), Simon (1989), Centro de Estudos e Assistência à Família (1984), Arcaro e Mejias (1990).

Entretanto, não obstante haver alternativas potencialmente eficientes de trabalho, é necessário que elas sejam elaboradas e utilizadas de forma a manter uma boa qualidade dos serviços prestados (cf. Mejias, 1987). Não seria proveitoso aumentar a amplitude da prestação de serviços se isso implicasse na queda de sua qualidade. Arcaro (1991) e Figueiredo e Schivinger (1981), discorrendo sobre problemas de atendimento institucional a populações carentes, colocam que, muitas vezes, o psicólogo improvisa um atendimento mal estruturado ou adapta de maneira simplista o método de consultório ao contexto institucional. Criticam tais atitudes, que implicam na perda da eficiência do trabalho realizado.

Sendo assim, o presente estudo foi empreendido com a preocupação de, frente à situação exposta, pesquisar procedimentos de atendimento psicológico que, ao mesmo tempo, aumentassem o alcance do referido atendimento e mantivessem seu padrão de qualidade. Centralizando-se na área de psico-

diagnóstico infantil, procurou explorar a eficácia de um instrumento projetivo associado a uma entrevista de anamnese com os pais da criança examinada. O instrumento em questão foi o Procedimento de Desenhos-Estórias (e.g. Amiralian, 1992; Hames, 1992; Trinca, 1987, 1990-91, 1995). Sua escolha deveu-se aos seguintes fatores:

- envolvia uma aplicação relativamente breve (uma entrevista de uma hora a uma hora e meia com a mãe, e uma ou duas sessões de cerca de uma hora com a criança);
- utilizava somente materiais simples e baratos (lápiz preto, lápis coloridos e papel branco);
- exigia acomodações com pouca infraestrutura (apenas uma sala bem iluminada com uma mesa e duas cadeiras).

Dessa forma, buscou-se utilizar uma estratégia de diagnóstico que apresentasse certas vantagens com relação ao diagnóstico tradicional, quais sejam:

- podia ser implementada num período de tempo significativamente menor; sendo assim, apresentava não só a vantagem de permitir diagnosticar a problemática apresentada de maneira mais rápida, como a possibilidade de ser utilizada em escala mais ampla que o diagnóstico tradicional;
- o material utilizado era acessível, sendo os custos da aplicação, mesmo em larga escala, bastante reduzidos;
- não exigindo condições ambientais sofisticadas, a estratégia podia ser utilizada no próprio local de moradia da comunidade de que provinha o cliente; Isso, como já foi visto, parece ser uma

grande vantagem no atendimento a populações carentes;

- a metodologia envolvida em seu emprego era relativamente simples, sendo rápida e facilmente assimilável por qualquer profissional da área;
- conquanto a interpretação dos dados fosse tarefa mais complexa, não precisava necessariamente ser realizada pelo aplicador, podendo haver um trabalho de retaguarda tanto de interpretação propriamente dita como de supervisão da mesma.

Como se pode perceber, a referida estratégia poderia ser bastante útil no trabalho com populações carentes, uma vez que não apresentava certas das limitações envolvidas no trabalho tradicional. Sendo assim, este estudo foi realizado com o intuito de explorar a eficiência do procedimento utilizado, procurando avaliar se os dados obtidos dessa maneira eram suficientes para a elaboração de um quadro diagnóstico. Isto tendo em vista que não seria produtivo utilizar tal procedimento, apesar das vantagens mencionadas, caso não propiciasse um levantamento diagnóstico eficiente.

Com esse objetivo, realizou-se a avaliação psicológica de uma criança utilizando-se tanto o Procedimento de Desenhos-Estórias como o método tradicional, com o intuito de verificar até que ponto o primeiro se constituiria num exame completo o suficiente quando comparado ao último. Ambas as estratégias diagnósticas foram implementadas independentemente, por profissionais distintos, para que não houvesse o risco de que as atividades de uma interferissem nas da outra.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DO CASO CLÍNICO

O menino examinado, que chamaremos de J. E., tinha sete anos de idade à época do atendimento. Era de família bastante pobre, constituída, além dele, pela mãe, de aproximadamente 28 anos, uma irmã de seis anos e um irmão de três anos. A mãe era separada do marido, não recebendo qualquer ajuda financeira do mesmo. Trabalhava num berçário para sustentar a família. Todos viviam num pequeno barraco de quarto e cozinha, numa favela da zona oeste da cidade de São Paulo.

PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS ASSOCIADO A UMA ENTREVISTA COM A MÃE DA CRIANÇA

A entrevista com a mãe foi realizada em sua própria residência, e as aplicações do instrumento projetivo foram feitas na sede social de uma vila operária próxima.

INFORMAÇÕES COLHIDAS NA ENTREVISTA COM A MÃE

A mãe trabalhava fora o dia todo, J. E. tomava conta da casa e dos irmãos. Ele arrumava a casa, lavava a louça e alimentava os irmãos. A mãe ficava em casa durante o dia apenas nos fins de semana. Nos períodos em que a irmã estava no pré-primário e o irmão na creche, J. E. freqüentava a escola e um Centro de Convivência para crianças, dirigido pela FEBEM, existente na já mencionada sede social da vila operária.

A queixa da mãe era de que o menino mentia muito e não a obedecia, sendo que ela não conseguia mais controlá-lo. Disse que muitas vezes ele saía para brincar e voltava

com as roupas rasgadas. Também costumava ir passear freqüentemente pela Rodovia Raposo Tavares, próxima de sua casa, o que ela achava bastante perigoso. Além disso aconteceu, algumas vezes, de o menino ser surrado na rua por turmas de crianças maiores, chegando em casa rasgado e machucado. Ele não lhe contava o sucedido. Ela ficava sabendo posteriormente por intermédio de vizinhos. Mencionou, ainda, que houve uma época em que, sem que ela soubesse, ele ia diariamente até à cidade de Osasco, muito longe de sua casa, com amigos mais velhos, para pedir esmolas. Nessas ocasiões não freqüentava a escola, nem o Centro de Convivência. Também, uma ou outra vez, tentou roubar algum dinheiro dela.

Os problemas surgiram por volta de um ano antes de a mãe ser entrevistada. No ano anterior a isso, o menino freqüentara o pré-primário, passando a maior parte do dia na escola, não tendo tempo para fazer o tipo de coisas de que ela se queixava. Atribuiu a problemática, em parte, ao fato de deixá-lo sozinho em casa o dia todo, mas disse que não tinha opções para agir de outra forma. Achava, inclusive, que era importante incentivar os filhos a serem independentes, ensinando-lhes os afazeres domésticos. Disse que havia perdido a mãe muito cedo, sofrera muito por ser dependente e não queria que os filhos corressem esse risco.

Anteriormente, o menino já havia apresentado outros problemas. A mãe disse que havia três ou quatro anos, quando ficava zangada com ele ou lhe negava alguma coisa, ele fugia de perto dela, e quando o encontrava ele estava desmaiado. Essas crises duraram aproximadamente um ano. De acordo com o médico, isso se devia à contaminação por

algum tipo de inseto, mas ela não acreditava nessa versão, pois na época não moravam em favela, tendo boas condições de higiene.

Quanto a seu relacionamento com o menino, a mãe relatou que batia nele com freqüência, especialmente para obrigá-lo a contar o que havia acontecido quando ele chegava tarde em casa, após seus “desaparecimentos sem explicação”, ou quando chegava machucado e com a roupa rasgada. Disse que não tinha muita paciência com ele: facilmente perdia a calma e o espancava. Ele, por sua vez, era bastante afetuoso, tanto em relação a ela quanto com os irmãos. Não guardava raiva dela, mesmo quando batia nele. Ficava muito contente nos fins de semana, quando ela estava em casa, conversando muito com ela, solicitando sua atenção para as coisas que ele fazia e, às vezes, pedindo para dormir com ela.

A mãe informou, ainda, que de maneira geral J. E. era calmo. Seu relacionamento com os irmãos e amigos sempre foi fácil. Com adultos, às vezes, agia de maneira um pouco tímida. Seus amigos mais próximos eram todos mais velhos do que ele. O que a preocupava era que eram arruaceiros. No tocante ao desenvolvimento físico e intelectual, a mãe relatou que J. E. nascera de parto normal, com mais de quatro quilos. Ela, entretanto, estivera muito ansiosa na ocasião, e suas pernas tiveram que ser amarradas durante o trabalho de parto. O menino sempre apresentou boa saúde. Comia bem e mantinha o sono tranquilo. O andar desenvolveu-se de maneira normal, aprendendo o controle esfinteriano mais rapidamente que os irmãos. Segundo a mãe, uma fonoadiôloga afirmou que ele possuía um pequeno

defeito estrutural na língua, razão pela qual trocava letras ao falar e usava algumas palavras de maneira infantilizada. Em função da troca de letras, teve dificuldades na escola, que foram diminuindo com o tempo. Seu rendimento escolar era bom e possuía bastante facilidade de entendimento. Finalmente, em relação ao comportamento sexual, a mãe contou que no pré-primário fora encontrado brincando com uma menina, ambos manipulando os órgãos sexuais um do outro. Nunca soube de outro episódio do gênero e J. E. nunca lhe fez qualquer pergunta sobre sexo.

APLICAÇÃO DO PROCEDIMENTO

Na aplicação do Procedimento de Desenhos-Estórias pede-se ao examinando que realize uma série de desenhos livres, valendo-se, conforme dito acima, de papel em branco, lápis preto e lápis de cor. Após a realização de cada desenho, solicita-se do examinando uma estória associada ao mesmo. Depois da estória segue-se um inquérito, que visa esclarecer questões detectadas na produção gráfico-verbal e obter mais material a respeito de pontos que julgar importante. Finalmente, pede-se ao examinando que dê um título à produção. Procura-se obter cinco unidades gráfico-verbais desse tipo. Caso, em duas sessões, não seja possível obter as cinco unidades (o que aconteceu no presente estudo), dá-se por encerrada a aplicação e utiliza-se o material obtido para a interpretação. Esta é realizada tendo por base toda a produção do examinando: desenhos, estórias, respostas ao “inquérito”, títulos e, eventualmente, o comportamento observado durante a

aplicação (para informações mais detalhadas, cf. Trinca, 1987).

1ª SESSÃO (DURAÇÃO APROXIMADA: 50') - 1º DESENHO (FIG. 1)

Observações durante a aplicação

J. E. estava bastante quieto e parecia concentrado na tarefa, embora houvesse barulho de conversa nas salas vizinhas.

Verbalização

Era uma vez uma fazenda, cheia de animais e árvores. Tinha um leão que chamava Barbudo. Ele gostava de ficar muito perto das árvores. O dono da fazenda, que chamava João, ele, todo dia, gostava que o leão ficava cuidando das árvores dele. Teve um dia que ele, numa árvore de Natal, pôs muitas bolinhas para o leão barbudo cuidar. A árvore chamava “Árvore de Natal”. Teve um dia que ele chegou e foi perto de umas outras árvores, em que o leão Barbudo ficava, para pegar umas frutas. Daí apareceu um bicho e o leão Barbudo correu atrás daquele bicho que queria pegar as frutas do vovô, que era o dono da fazenda. Aí, depois daquele dia, apareceu um ladrão, veio assaltar a fazenda do vovô.

Inquérito

- O que aconteceu quando o ladrão foi assaltar a fazenda?
- O leão Barbudo foi atrás do ladrão, daí o vovô saiu para chamar o leão Barbudo, que ficou mais perto das árvores. Daí, outro dia, o ladrão apare-

- ceu outra vez para assaltar, pensando que o leão Barbudo estava longe.
- E o leão estava longe mesmo?
 - O leão tava bem perto, deitado debaixo da árvore.
 - Quer dizer que o ladrão não conseguiu?
 - Não. Daí teve um dia que o leão Barbudo ia embora, e o vovô chamou ele para tomar conta da fazenda uns dias, e daí eles viveram felizes para sempre. Como era o leão?
 - Cabeleira grande, olho amarelo.
 - Ele era bom, bravo...?
 - Bom com o vovô e bravo com os que vinham roubar a fazenda.
 - Gostava muito do vovô?
 - Gostava.
 - E o vovô? Como era?
 - Era bonzinho com ele, gostava muito dele, jogava carne para ele comer. Aí, teve um dia que apareceu a família do vovô, e só dava cacete no leão Barbudo. Daí o vovô mandou a família dele embora.
 - Por que batiam nele?
 - Achavam que ele era perigoso, que veio da floresta e ia fazer mal pro vovô. O leão fugia deles, se escondia. Aí, um dia o vovô voltava de viagem e viu a família batendo no leão e mandou a família embora, e disse para o leão Barbudo que podia trazer a família dele para morar na fazenda. Só ficaram morando o leão e o vovô?
 - Só.
 - Nunca brigavam?
 - Não.

- Dê um nome para esta estória.
- A estória do vovô e do leão Barbudo.

2ª SESSÃO

(DURAÇÃO APROXIMADA: 45')

- 2º DESENHO (FIG. 2)

Observações durante a aplicação

Também desta vez o menino pareceu concentrado na tarefa, ainda que, novamente, houvesse rumores de vozes nas outras salas. Nesta ocasião, algumas pessoas entraram na sala para pegar material, enquanto J. E. desenhava. Entretanto, fizeram-no de maneira discreta e silenciosa. J. E. não evidenciou qualquer perturbação por esse fato.

Pareceu, entretanto, ansioso ao relatar a estória, falando muito rapidamente e, em certos momentos, gaguejando. Tal atitude foi marcadamente diferente da do período em que realizou o desenho e também da atitude geral da sessão anterior, em que parecia calmo.

Verbalização

Tinha muito lobo na floresta. Daí, Chapeuzinho Vermelho vinha todo dia na casa da vovó trazer uns bolinhos para ela. Daí, teve um dia que o lobo correu pra perto da casa da vovozinha. Daí, Chapeuzinho Vermelho chamou o caçador. O caçador pegou e matou o lobo. Daí, apareceu outro bicho enorme, que só queria destruir a casa da vovozinha, comer as frutas das árvores dela. Daí, teve um dia que chegou outro lobo, que só vivia falando mentira pra Chapeuzinho Vermelho, falava para ela ir pela floresta que é mais perto. “Não vá pelo rio que tem lobo

mau”. Aí, Chapeuzinho Vermelho ia pela floresta. Daí, ele correu pelo rio, chegou antes de Chapeuzinho e engoliu a vovó. Chapeuzinho todo dia chamava o caçador. Daí, teve um dia que o caçador se escondeu. O caçador era outro lobo da mesma família, mas disfarçado. Daí, o outro lobo falava pra Chapeuzinho se afastar do lobo, dava tiro de espingarda de chumbinho nele, só pra fazer de conta que estava tentando matá-lo. Eles dois [lobos] tinham formado um plano. Daí, o lobo caçador pegou a vovó, pôs na cama. Daí, o lobo que engoliu a vovó fez o mesmo plano. Daí ele falou: “Eu pego uma espingarda de chumbinho, você pega a vovó, dá uma mordida nela e sai correndo”. Daí, depois, o caçador atirou no colega. Daí, o lobo deu uma mordida na vovozinha e voltou outra vez e formou outro plano. Falou: “Agora Chapeuzinho Vermelho vai vir me chamar, eu pego ela e engulo, você engole a vovozinha”. Aí, depois, chegou o caçador de verdade, matou os dois lobos e acabou.

Inquérito

- E o leão [referindo-se ao leão que havia no desenho]?
- Ele estava se fazendo de lobo. Eu não sabia fazer lobo e fiz ele.
- O desenho da esquerda, o que é?
- É o monstro, é o que ia destruir a casa da vovó.
- E como ficaram Chapeuzinho Vermelho e a vovó no final da estória?
- Chapeuzinho Vermelho, a vovó e o caçador se reuniram em roda, com bolo de aniversário pro caçador, que

matou o lobo, e cantaram parabéns pro caçador.

- Quem era o caçador?
- Era um homem de verdade, não era lobo, era pai da vovó.
- A vovó era feliz na floresta?
- Não, ela era triste, por causa dos lobos.
- E Chapeuzinho, era feliz?
- Nem muito triste, nem muito boa. Ficava cantando na floresta. Para os lobos era ruim e para a vovó era boa. Quando veio o caçador, também veio a família dos lobos. Daí, tentaram matar o caçador, mas ele venceu.
- Tem mais alguma coisa que você quer dizer?
- Tem. A casa da vovó era de tijolo, nenhum bicho conseguia derrubar. Daí, apareceu um bicho que derrubou a casa da vovó, mas o caçador deu um tiro na perna dele, ele fugiu e nunca mais veio roubar a casa da vovó.
- Mais alguma coisa?
- Não.
- Qual o nome desta história?
- A vovozinha, Chapeuzinho Vermelho e o caçador.

INTERPRETAÇÕES

As interpretações foram realizadas separadamente por dois profissionais, com vistas à obtenção de um quadro diagnóstico mais rico e abrangente do que seria permitido pela interpretação de uma única pessoa. Como se supunha, o material foi interpretado segundo enfoques diferentes, mas que apresentaram informações complementares.

A primeira interpretação focalizou basicamente o conflito entre dois aspectos da personalidade do menino: a construtividade e a hostilidade. Segundo a mesma, em primeiro lugar, a produção da criança revelou uma faceta construtiva, relacionada a cuidar e proteger (o leão protegia e cuidava do vovô, sendo, também, cuidado por ele, em certos momentos). Tal faceta se relacionava com figuras significativas de modo afetivo, amoroso. Por outro lado, surgia um aspecto hostil, simbolizado pelo bicho, pelo ladrão, correspondendo a um protesto por se sentir abandonado, por maus tratos e insuficiência de amor (a família do vovô só dava cacetada no leão). Nesse aspecto, o mundo interno era povoado por figuras horríveis (o que se pode perceber, especialmente, na segunda unidade de produção). Eram figuras que matavam e devoravam, pelas quais o menino se sentia em boa parte dominado. Entretanto, havia a esperança de que o aspecto amoroso e construtivo viesse a prevalecer.

Essa primeira interpretação indicou um quadro parcialmente carencial, que gerava sofrimento. Isso levou o menino a desenvolver componentes emocionais repletos de hostilidade e de ressentimento, que podiam estar desencadeando as manifestações apontadas na queixa. Os sintomas simbolizavam aspectos do conflito interno: sentindo-se abandonado, o menino agia como tal, tornando-se andarilho e mendigo.

Já a segunda interpretação enfocou especificamente as características da relação edípica, bem como as interrelações das instâncias id, ego e superego. Sob esse prisma, o leão foi visto como representativo da figura do pai, sendo que o vovô e as frutas simbolizavam a figura da mãe. O pai era sempre um

inimigo; e a mãe, uma figura cobiçada. O bicho, o ladrão e a família simbolizavam aspectos do menino que buscavam separar o leão do vovô (o pai da mãe) e estão ameaçados pelo leão (pai). No final da primeira estória, como forma de apaziguamento, o menino juntava leão e vovô (pai e mãe), desistindo da mãe, excluindo-se e castigando-se. Entretanto, este era um arranjo provisório, pois na próxima vez em que sentisse atração pela mãe faria um novo assalto. O ego, representado pelo lobo disfarçado, era muito imaturo e não conseguia manter a disciplina sobre os impulsos violentos do id (lobo sem disfarce). Esse ego não era confiável, sendo facilmente seduzível pelos apelos vorazes e destrutivos do id. A única segurança possível provinha do superego, representado pelo caçador de verdade, que mantinha dominada a violência (matava os lobos). Isso podia ser associado ao comportamento da mãe, que procurava manter o filho obediente por meio do espancamento. Depois de “delinquir”, o menino mentia para se salvar, mas a mãe batia a fim de que ele contasse a verdade (o caçador matava do mesmo jeito).

PSICODIAGNÓSTICO TRADICIONAL

Foram realizadas três entrevistas com a mãe (duas para a coleta de dados de anamnese e uma entrevista devolutiva) e quatro com o cliente (três para a aplicação de testes psicológicos e uma entrevista devolutiva). Não foi possível entrevistar o pai, pois seu endereço era ignorado pela mãe e não havia contatos frequentes entre ele e a família do menino. As interpretações foram feitas em separado por dois diferentes profissionais, o

que visou, do mesmo modo que no referente ao Procedimento de Desenhos- Estórias, a possibilidade da formulação de uma compreensão diagnóstica mais abrangente. Tendo em vista a extensão do material obtido, será, aqui, apresentado apenas um resumo de seu conteúdo.

RESUMO DAS INFORMAÇÕES COLHIDAS NAS ENTREVISTAS COM A MÃE

Com a finalidade de evitar repetição desnecessária de dados, serão aqui apresentados apenas os novos, isto é, os dados que não apareceram no outro processo psicodiagnóstico, ou os que apareceram de forma diferente, considerados assim, por essa razão, dignos de menção.

Além das queixas mencionadas anteriormente, a mãe referiu ainda que o filho chupava o dedo e também chorava às vezes sem motivo aparente.

Quanto a separação dos pais, foram obtidos dados mais detalhados: Os pais estavam separados, havia aproximadamente três anos, na época do atendimento. A separação deu-se de maneira inesperada e repentina, segundo a mãe. O pai teria chegado em casa de madrugada, ela teria pedido explicações e, ao fazer isso, teria sido fisicamente agredida pelo mesmo. Decidiu deixar o lar, grávida de três meses, levando consigo os dois filhos. Após esse incidente, ela e os filhos tiveram pouco contato com o pai.

As situações de gravidez e parto foram descritas com um colorido um pouco diferente: A mãe só teria tomado consciência da gravidez de J. E. quando estava no sétimo mês, por total falta de informação, por desconhecimento sobre sexualidade e de seu

próprio corpo. O parto foi traumatizante, pois ela não estava emocionalmente preparada, tendo sido necessário que suas pernas fossem amarradas para ter a devida assistência

Quanto ao desenvolvimento neuro-psicomotor do cliente, foi normal, embora a mãe tenha demonstrado dificuldades de precisar dados. Quando tinha sete meses, J. E. foi hospitalizado durante uma semana com sarampo e pneumonia.

Ao relatar o cotidiano da família, a mãe demonstrou dispensar mais atenção e cuidados aos filhos menores.

Na segunda entrevista, em vários momentos, a mãe emocionou-se chegando a chorar. Faltou à primeira entrevista devolutiva marcada e quando compareceu (aproximadamente um mês depois, pois segundo ela, teria entendido que a psicóloga estava de férias o que na realidade não havia ocorrido), mostrou-se extremamente agradecida pelo trabalho realizado pelos psicólogos que os haviam atendido.

A psicóloga observou que ao despedir-se, a mãe chupava o dedo, fato que como já foi mencionado anteriormente, constituía-se de uma das queixas por ela mencionadas em relação ao filho.

RESUMO DA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DA CRIANÇA

A avaliação psicológica de J. E. foi realizada por meio dos seguintes testes: Desenho da Figura Humana, segundo à técnica de Machover (1949); Desenho Colorido da Família segundo a técnica de Maggi (1970); Teste de Apercepção Temática Infantil - CAT-A (Bellak & Bellak, 1971); Teste de Inteligência - WISC (Wechsler, 1967); e Teste Gestáltico- Visomotor (Bender, 1980).

Levando-se em conta seu nível sócio-econômico, pôde-se dizer que J. E. apresentava um elevado potencial intelectual, sendo bastante criativo e capaz de lidar com uma variada gama de situações. As dificuldades que na ocasião apresentava, referidas como queixas pela mãe, deviam-se a interferências e bloqueios de natureza afetivo-emocional, bem como à situação sócio-econômica desfavorecida na qual o cliente e sua família se encontravam. A problemática que aparecia constantemente nos vários testes estava relacionada à identidade, ao papel masculino e a um superego rígido, ameaçador e punitivo. A mensagem transmitida em suas produções era a de que “ser homem” e “fazer coisas de homem” tornara-se extremamente perigoso, podendo levar a severas punições, autopunições (como tombos e ferimentos) e até à morte. Não obedecer à mãe, mentir, fazer bagunça, ficar na rua, namorar, eram exemplos freqüentes de atividades sentidas como masculinas, mas que deviam ser punidas. Para ele, só a criança obediente, que se negava à vida instintiva e submetia seus desejos aos desejos da mãe, tinha direito a receber seu amor. Assim, precisava rejeitar aspectos próprios, que representavam sua vida instintiva e que não correspondiam ao ideal de ego. Ao mesmo tempo, havia o desejo de exercer atividades masculinas e de se identificar com a figura masculina. Pôde-se observar, ainda, a presença de desejos incestuosos em relação à mãe, que eram vividos como sujeitos (na prancha VIII do CAT, por ter esses desejos, o filho mau tinha que morrer e, no final, acabava morrendo afogado).

A falta que J. E. sentia do pai, bem como do lugar da figura masculina, eram evidentes em suas produções. A figura masculina era

vista como mais fraca do que a feminina (na prancha VI do CAT, por exemplo, o urso grande (pai) junto com o pequeno (filho) não conseguiam fazer frente ao outro urso, que ganhava a batalha). Ao mesmo tempo em que aparecia como forte, a figura feminina era representada como doente, sendo sua presença insuficiente para atender às necessidades emocionais. As fantasias incestuosas em relação à mãe e o desejo de exclusão do pai (concretamente ausente) produziam uma situação insustentável, em que a ansiedade persecutória invadia o ego. Este, enfraquecido, chegava em alguns momentos a se desestruturar, ocasionando distorções da percepção (por exemplo na prancha VI do CAT, as identidades dos animais confundiam-se). Em outros momentos, a figura masculina era idealizada, sentida como onipotente, capaz de defender a mãe e de desempenhar junto a ela os papéis de marido, chefe da casa e provedor da família.

Paralelamente aos conflitos edípicos não elaborados, notava-se, também, necessidades e impulsos não satisfeitos, ligados à fase oral do desenvolvimento, como a intensa voracidade. Por um lado, essa “carência oral” era concreta, dadas as condições sócio-econômicas da família; por outro lado, era simbólica, pois o menino tinha fome não só de comida, como também de relações interpessoais significativas. Observava-se que J. E. rejeitava intensamente sua realidade sócio-econômica. Havia dificuldades de adiar a gratificação dos impulsos. Foi provavelmente a separação dos pais que atuou como um fator altamente patogênico e desencadeante das atuais dificuldades do cliente.

COMPARAÇÕES

Confrontando-se as interpretações obtidas a partir dos dois processos diagnósticos, constatou-se que as hipóteses levantadas coincidiram em pontos importantes quanto ao aspecto projetivo: Havia um quadro carencial pertinente às relações interpessoais significativas, associado a intensa voracidade nessas relações. Os relacionamentos significativos eram vividos de maneira conflituosa, em que se manifestavam um lado amoroso e outro hostil, rejeitado e ressentido. Quando entrava em contato com tais emoções, o ego sentia-se frágil e ameaçado, sendo invadido por ansiedades de natureza persecutória. Não encontrando recursos egóicos para lidar com tal situação, o cliente era regido por um superego extremamente rígido e punitivo, que o levava a reprimir sua vida instintiva. Essa situação tinha paralelo concreto na atitude punitiva da mãe, que freqüentemente se utilizava de castigos físicos.

Por outro lado, o diagnóstico psicológico tradicional apresentou maior especificidade relativamente a alguns aspectos que foram abordados por ambos os processos diagnósticos, bem como levantou algum material não abordado pelo Procedimento de Desenhos-Estórias: Foi mais específico no sentido de permitir visualizar com maior clareza de que maneira e em relação a quais figuras os conflitos eram vividos. Os aspectos não envolvidos pelo Procedimento de Desenhos-Estórias abrangeram uma avaliação do potencial inte-

lectual do paciente, apontaram dificuldades quanto à identificação com o papel sexual masculino, bem como rejeição em relação à realidade sócio-econômica.

COMENTÁRIOS FINAIS

O Procedimento de Desenhos-Estórias apresenta, evidentemente, menor abrangência que o longo processo tradicional de psicodiagnóstico. Mesmo porque centraliza-se, primordialmente, em questões emocionais, não avaliando direta e sistematicamente, como o último, fatores intelectuais e neurológicos. No entanto, em muitos casos, uma avaliação intelectual e/ou neurológica não é mesmo necessária no processo de investigação diagnóstica. E ainda que o seja, a integração do procedimento ora discutido com um teste específico de inteligência ou para a detecção de distúrbios neurológicos continua a ser menos onerosa, em termos de tempo e dificuldade de implementação, que o emprego do diagnóstico psicológico tradicional completo. Sendo assim, este estudo indica que há motivos para se supor que a combinação do Procedimento de Desenhos-Estórias com uma entrevista clínica semi-estruturada seja, em muitos casos, suficientemente confiável como estratégia de avaliação junto a populações carentes. Nossa investigação deverá, porém, ser seguida por outras, na tentativa de se obter maior comprovação para essa hipótese.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amiralian, M. L. T. M. (1992). *Compreendendo o cego através do procedimento de Desenhos- Estórias: Uma abordagem psicanalítica da influência da cegueira na organização da personalidade*. Tese de doutorado não publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Arcaro, N. T. (1991). «Investigação de aspectos da clientela e sistema de atendimento de um ambulatório de saúde mental.» *Psicologia USP*, 2(1/2), 49-64.
- Arcaro, N. T., & Mejias, N. P. (1990). «A evolução da assistência psicológica e em saúde mental: Do individual para o comunitário.» *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 6(3), 251-266.
- Bellak, L. & Bellak, S.S. (1971). *Teste de apercepção infantil com figuras de animais*. São Paulo: Mestre Jou.
- Bender, L. (1980). *Test gestáltico visomotor: Usos y aplicaciones clínicas*. Buenos Aires: Paidós.
- Centro de Estudos e Assistência à Família (1984). *Atendimento à criança através dos pais*. Trabalho apresentado no seminário intitulado “Atendimento á criança através dos pais”, promovido pelo Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário Queiroz Filho, São Paulo, SP, Brasil.
- Figueiredo, M. C., & Schivinger, A. A. (1981). «Estratégias de atendimento psicológico-institucional a uma população carente.» *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 33(3),46-57.
- Hames, S. L. (1992). *Considerações sobre a realidade externa e o mundo interno de crianças portadoras de doença péptica*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP, Brasil.
- Herzberg, E. (1993). *Estudos normativos do Desenho da Figura Humana (DFH) e do Teste de Apercepção Temática (TAT) em mulheres: implicações para o atendimento a gestantes*. Tese de doutorado não publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Jubelini, S. R. (1982). «Psicodiagnóstico grupal.» *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 34(2), 16-27.
- Landin, R., & Lemgruber, V. (1980), «O trabalho do psicólogo na favela.» *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 32 (1), 67-73.
- Lorion, R. P. (1974). «Patient and therapist variables in the treatment of low-income patients.» *Psychological Bulletin*, 81(6), 344-354.
- Machover, K. (1949). *Personality projection in the drawing of the human figure*. Springfield: Ch. C. Thomas.
- Maggi, A. (1970). *Teste do desenho em cores da família*. Dissertação de mestrado publicada, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Mejias, N. P. (1987). «Um serviço de atendimento à comunidade como programa suplementar em curso de psicologia.» *Boletim de Psicologia*, 37(86), 45-50.
- Simon, R. (1989). «Psicoterapia preventiva da família.» *Psicologia: Ciência e Profissão*, 9(2), 16-18.

- Trinca, W. (1995). «The Story-Drawing Procedure: Development and status.» *British Journal of Projective Psychology*, 40(2), 32-43.
- Trinca, W. (1987). *Investigação clínica da personalidade: O desenho livre como estímulo de apercepção temática* (2ª ed.). São Paulo: EPU.
- Trinca, W. (1990-91). «O procedimento de desenhos de família com estórias (DF-E) na investigação da personalidade de crianças e adolescentes.» *Boletim de Psicologia*, 39, 45-54.
- Wechsler, D. (1967). *Escala de inteligência Wechsler para crianças*. Rio de Janeiro: CEPA.
- Winge, M. S., & D'Ávila Neto, M. I. (1976). «Desenvolvimento de um programa de psicologia preventiva na comunidade: Uma experiência de ensino na Universidade de Brasília.» *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 28(1), 69-82.